NO ADEUS ATÉ O CÉU DO PADRE GIUSEPPE NICOLUSSI

Caríssimos irmãos e irmãs, caríssimos todos! Dizer adeus às pessoas amadas é sempre um golpe para os nossos corações. É humano, simplesmente humano, muito humano. Contudo, temos muitos motivos para viver esta realidade humana numa outra dimensão, porque pelo dom da fé cremos no Senhor Jesus, temos em Deus a ‘certeza’ que nos espera: A VIDA N’ELE, não só aqui, mas na outra Vida, na VIDA DE DEUS.

E hoje, expressamos esta fé no ADEUS AO NOSSO CARÍSSIMO P. GIUSEPPE NICOLUSSI. Um grande crente, um grande Salesiano presbítero, um excepcional filho de Dom Bosco, um grande homem de Congregação.

Quero que sejam as palavras de Santo Agostinho a exprimirem esta esperança: “*Resurrectio Domini, spes nostra –* a ressurreição do Senhor é a nossa esperança” (Agostinho, *Sermo* 261, 1). Com estas palavras, Santo Agostinho queria dizer aos seus fiéis que Jesus ressuscitou para que nós, embora destinados à morte, não desesperássemos ao pensar que com a morte a vida teria acabado completamente.

Cristo ressuscitou para dar-nos a esperança. A morte não tem a última palavra porque, afinal, é a Vida que triunfará. Esta nossa certeza não se fundamenta em simples raciocínios humanos, mas num dado histórico de fé: Jesus Cristo, crucificado e sepultado, ressuscitou com o seu corpo glorioso. Jesus ressuscitou para que também nós, crendo n’Ele, possamos ter a vida eterna. Este anúncio está no centro da mensagem evangélica. Declara-o São Paulo intensamente: “Se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é sem fundamento se sem fundamento também é vossa fé”. E acrescenta: “Se é só para esta vida que pusemos a nossa esperança em Cristo, somos dentre todos os homens, os mais dignos de compaixão” (*1Cor* 15,14-19).

Contudo, desde o amanhecer da Páscoa, uma nova primavera de esperança invade o mundo; desde aquele dia já começou a nossa ressurreição, porque a Páscoa não marca apenas um momento da história, mas o início de uma nova condição: Jesus ressuscitou não para que a sua memória permaneça viva no coração dos seus discípulos, mas para que Ele mesmo viva em nós e n’Ele já possamos saborear a alegria da vida eterna.

A “Páscoa” do Senhor, a sua “passagem”, abriu um “novo caminho” entre a terra e o Céu (cf. *Hb* 10,20). Não se trata de um mito ou um sonho, nem de uma visão, ou uma utopia, não é uma fábula, mas um evento único e irrepetível: Jesus de Nazaré, filho de Maria, que ao entardecer da Sexta-feira foi deposto da cruz e sepultado, deixou vitorioso o túmulo. De fato, na manhã do primeiro dia depois do sábado, Pedro e João encontraram o túmulo vazio. Madalena e as outras mulheres encontraram Jesus ressuscitado; também o reconheceram os dois discípulos de Emaús ao partir o pão; à tarde, o Ressuscitado apareceu aos Apóstolos no Cenáculo e, depois, a muitos outros discípulos na Galileia. Este é o verdadeiro mistério da nossa Fé.

Na manhã de Páscoa, tudo se renova. “Morte e vida se encontram num prodigioso duelo: o Senhor da vida estava morto; mas agora, vivo, triunfa” (Sequência pascal). Essa é a novidade! Uma novidade que muda a existência de quem a acolhe. Foi o que, por exemplo, aconteceu para São Paulo, o apóstolo que fascina de modo particular muitos de nós. Saulo de Tarso, perseguidor violento dos cristãos encontrou no caminho de Damasco Cristo ressuscitado e foi “conquistado” por Ele. O resto é do nosso conhecimento. Aconteceu com Paulo o que mais tarde ele mesmo escreverá aos cristãos de Corinto: “Se alguém está em Cristo, é criatura nova; o que era antigo passou, agora, tudo é novo” (*2Cor* 5,17).

O que expressei é um modo entre outros de declarar a nossa firme fé no Senhor e na sua ressurreição que será também a nossa por graça e dom de Deus. E a afirmação da ressurreição do Senhor será sempre um convite intenso a não voltar atrás nesta batalha pacífica iniciada pela Páscoa de Cristo, que busca homens e mulheres que o ajudem a afirmar a sua vitória com as suas mesmas armas, as da justiça e da verdade, da misericórdia, do perdão e do amor.

E este convite do Senhor foi recebido com grande fidelidade pelo nosso querido P. Giuseppe Nicolussi. Gosto muito de lembrar sempre que nos despedimos de um irmão o que dizem nossas Constituições: “Para o Salesiano, a morte é iluminada pela esperança de entrar na alegria do seu Senhor. E quando acontece que um salesiano sucumbe trabalhando pelas almas, a Congregação alcançou uma grande vitória” (C.54). Posso afirmar que isso também hoje é verdade na vida do nosso caro P. Nicolussi.

A Congregação é mais como a queria Dom Bosco, graças também à entrega da sua vida salesiana e do seu serviço generoso. No final da Eucaristia, teremos a oportunidade de ouvir vários testemunhos sobre o P. Giuseppe. É por isso que vou apenas evidenciar que:

🡪 a sua vida foi um grande dom para muitos de nós que vivemos com ele. O P. Giuseppe é uma das pessoas que deixa um sinal da sua passagem nesta terra, sobretudo nos corações dos que o conheceram de perto, e muitos de nós vivemos com ele.

🡪 O seu testemunho de homem de fé, de Salesiano, com grande amor a Nossa Senhora e a Dom Bosco, como alguém de uma espiritualidade profunda que nos fez muito bem.

🡪 A sua formação profunda e rica, o grande dom que tinha de aconselhar, de iluminar as mais diversas situações enriqueceu muito o seu serviço pelo bem da formação e da Congregação.

🡪 A sua capacidade de ser sempre gentil, cortês nos modos e, ao mesmo tempo, com um humorismo finíssimo fez-nos sempre sentir muito bem ao seu lado.

🡪 A sua sensibilidade pelos pobres e os últimos nunca ficou oculta. Já nos anos de formador no Chile recordava aos jovens Salesianos estudantes de teologia que “estudar teologia sem estar com os jovens pobres é coisa de burgueses não de Salesianos”.

Detenho-me aqui, como disse, à espera como que de uma segunda parte no final da Eucaristia que, sem dúvida, especialmente na palavra do P. Pascual Chávez fará justiça, na simplicidade da nossa fraternidade, a esta grande figura, um humilde filho de Dom Bosco que foi o P. Nicolussi.

Concluo com a expressão de um canto que aprendi nos meus primeiros anos como Salesiano em minha Inspetoria de origem (León-Espanha) que sempre cantamos no adeus de uma mãe, um pai, um irmão. Em espanhol soa assim:

“Despidamos todos juntos al hermano y entonemos la victoria del Señor. Entonemos la Victoria: Hasta pronto, hasta el cielo. Cristo te dé la vida y te reciba en su amistad”.

*(Digamos juntos adeus ao irmão e entoemos a vitória do Senhor. Entoemos a Vitória: Até breve, até o céu. Cristo te dê a vida e te receba na sua amizade. Cristo te dê a vida e te receba na sua amizade).*

Adeus, caro P. Giuseppe. Aguarda-nos com a Auxiliadora, com Dom Bosco e toda a Família Salesiana no paraíso, juntamente com os nossos jovens. Amém.